



ELEIÇÕES

Sem Doria no caminho, PT tenta seduzir PSDB

Desistência do ex-governador em disputar a Presidência facilita o fechamento de alianças com tucanos, antes que deem apoio formal a Simone Tebet ou sejam cooptados por Jair Bolsonaro. O ex-pré-candidato, aliás, é um dos interlocutores

» TAINÁ ANDRADE
» VICTOR CORREIA

Ricardo Stuckert



A saída do ex-governador paulista João Doria da corrida presidencial não representa necessariamente que o PSDB vá fechar com a pré-candidata do MDB, Simone Tebet — que representa a terceira via até agora — nem que os integrantes do partido se dividirão entre a senadora e o presidente Jair Bolsonaro (PL). Pelo menos não naquilo que depender do PT, que se organiza para trazer os rivais históricos para perto do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Na última reunião do conselho político da chapa que será lançada à disputa do Palácio do Planalto, o tema principal foi a formação de alianças fora da esquerda — e o PSDB tem um espaço importante nessas coligações.

O *Correio* apurou que um dos principais diálogos dos petistas tem sido com o próprio Doria. Depois da reunião do conselho da chapa de Lula e Geraldo Alckmin, a presidente nacional do partido e deputada federal Gleisi Hoffmann (PR) afirmou que o nome do ex-pré-candidato tucano não está vetado. Disse, ainda, não ser contra “ninguém que se coloque nesse campo democrático”.

A aproximação entre petistas e tucanos está sendo feita aos poucos e com cuidado para não queimar etapas. O primeiro a dar sinal de que os dois partidos podem entrar em um entendimento partiu do ex-senador e ex-chanceler

Aloizio Nunes Ferreira, que declarou publicamente voto em Lula. Além disso, Alckmin é considerado um nome importante na estratégia de promover maior interação com os tucanos. Além disso, o próprio Doria disse que o ex-presidente “não é Bolsonaro, é inteligente e tem passado”.

Mas há resistências dentro do PT à essa aproximação com os tucanos e, sobretudo, com o ex-governador de São Paulo. Há um grupo que, pragmaticamente, defende o diálogo por considerar que não se pode prescindir

de chamar o PSDB para perto, sobretudo pela história do partido pela consolidação da democracia. Só que existem outros petistas que não querem nem pensar nessa possibilidade.

Publicamente, o secretário nacional de Comunicação do PT, Jilmar Tatto, defendeu a conversa com Doria. Afinal, o ex-governador tem influência sobre vários diretórios e foi com o apoio deles que venceu as prévias em novembro passado.

Já o ex-prefeito da capital paulista Fernando Haddad resiste à

aproximação com o ex-governador, pois não esquece as hostilizações promovidas contra ele e Lula. Porém, de acordo com fontes da campanha, ele não se furtaria de conversar com outros nomes do PSDB.

Isso, aliás, é um consenso de uma ala do PT — que o diálogo seja feito com tucanos históricos. Parte desse convencimento está a cargo de Alckmin, que trabalha nos bastidores para aproximar os antigos correligionários. A interlocução seria feita com o ex-presidente Fernando

Henrique Cardoso, Aloizio Nunes Ferreira e os ex-governadores Teotônio Vilela Filho (AL) e Marconi Perillo (GO).

Entraves

Mas se há setores do PT que resistem às conversas com Doria e acenos aos tucanos, também há grupos do PSDB que não querem conversa com os petistas. Diretórios de estados das regiões Sul e Centro-Oeste torcem o nariz à menção de Lula em qualquer conversa.

48%

é a intenção de votos em Lula, segundo o resultado da mais recente pesquisa realizada pelo Datafolha. Esse percentual daria a vitória ao petista no primeiro turno. Bolsonaro teria 27%

Lula conta com a articulação de Alckmin para trazer ex-correligionários tucanos para o projeto. Mas há resistências a serem quebradas no Sul e no Centro-Oeste

Por causa disso, a campanha do ex-presidente colocou as duas regiões no radar. Na próxima quarta, quinta e sexta-feira, Rio Grande do Sul e Santa Catarina receberão a caravana de Lula para dar início à costura de alianças — nos mesmos moldes do que foi feito em Minas Gerais, cujo resultado foi o acordo com o ex-prefeito de Belo Horizonte Alexandre Kalil (PSD). A ideia nessa passagem pelos dois estados é tentar concretizar composições com os tucanos — que tendem a correr para os braços de Bolsonaro.

Um dos argumentos a serem usados para atrair os setores do PSDB governistas é a recente pesquisa da Datafolha, que coloca Lula com possibilidade de vitória no primeiro turno. De acordo com o resultado divulgado na última quinta-feira, o petista teria 48% das intenções de voto contra 27% do presidente da República. Ou seja, a hora de garantir assento no projeto de um próximo governo sob comando do petista e de Alckmin é agora.

O ex-governador do Piauí e um dos coordenadores da campanha de Lula, Wellington Dias (PT) trabalha com a possibilidade de vitória do ex-presidente em 21 dos 27 estados da Federação. “E isto está permitindo organizar bem além dos partidos da coligação nacional e permitirá maioria necessária para a Câmara e cerca de 20 das 27 vagas do Senado com líderes que fazem campanha com Lula e Alckmin”, afirmou.

Ficaram pelo caminho



Luciano Huck (junho 21), sem partido, permanecerá na tevê — Durante o programa “Conversa com Bial”, afirmou que não seria candidato neste ano. Mas não descartou a possibilidade no futuro;



João Amoêdo (junho 21), do Novo, não disputará nada — Candidato à Presidência em 2018, neste ano ele desistiu de concorrer devido a problemas internos do partido. Chegou a afirmar a colegas de legenda que não se envolverá com as eleições;



Luiz Henrique Mandetta (novembro 21), do União Brasil, será candidato ao Legislativo — O ex-ministro da Saúde desistiu da pré-candidatura presidencial após conversa com ACM Neto;



Rodrigo Pacheco (março 22), PSD, continuará senador — Desistiu em sessão plenária, afirmando que se dedicará à “tão desejada recuperação e reconstrução desse país”;



Alessandro Vieira (março 22), PSDB, pré-candidato ao governo de Sergipe — Desfilou-se do Cidadania, pelo qual se lançou pré-candidato à Presidência, e volta os esforços para o plano estadual;



Sergio Moro (março 22), União Brasil, pré-candidato ao Senado — Desistiu da corrida presidencial em abril. Agora, diz que tentará a única vaga em disputa na Casa dos Estados no Congresso;



Eduardo Leite (abril 22), PSDB, indeciso — O ex-governador gaúcho tentou emplacar a pré-candidatura à Presidência mesmo com o PSDB tendo escolhido João Doria nas prévias. Agora, pode ser vice da chapa de Simone Tebet, mas também pode tentar voltar ao governo gaúcho;



João Doria (maio 22), PSDB, a decidir — Desistiu do sonho presidencial devido ao mau desempenho nas pesquisas de intenção de voto e às resistências dentro do partido. Não definiu o que fará e pode até deixar a política.

3ª via: do sonho à polarização

» TAÍSA MEDEIROS

No começo, era um sonho: o de ser eleito para liderar uma nação, colocar a faixa presidencial, acenar do parlatório em frente ao Palácio do Planalto para uma multidão em êxtase, desfilar no Rolls Royce conversível pela Esplanada dos Ministérios — e formar um governo que, por quatro anos, mudasse a face de um país extremamente desigual. Mas, aos poucos, a realidade se impôs. E o jeito foi desistir da ideia de se tornar uma grande liderança para voltar à planície da política e da sociedade.

O apresentador de tevê Luciano Huck, o ex-juiz Sergio Moro, o ex-ministro da Saúde Luiz Henrique Mandetta e outros acalentaram o desejo da Presidência da República. Só que a polarização entre o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva e o presidente Jair Bolsonaro foi mais forte. O jeito foi desistir ou adiar o projeto.

Até agora, oito figuras públicas migraram para possibilidades mais modestas na política. Depois de idas e vindas sobre a candidatura presidencial, Moro, agora, diz ser pré-candidato do União Brasil ao Senado por São Paulo. “Estou construindo o meu espaço. Claro que isso vai depender de tomar uma decisão definitiva. Mas, em princípio, a posição é essa”, disse. A oficialização da candidatura deve ser amanhã, em Brasília.

O ex-governador João Doria (PSDB) jogou a toalha no dia 23, mas, por enquanto, faz mistério sobre seu futuro político. “O PSDB saberá tomar a melhor decisão”, disse, enigmático. Por

enquanto, o que se sabe é que é um dos interlocutores tucanos para a construção de um possível acordo com o PT.

O presidente do Congresso, Rodrigo Pacheco (PSD-MG), também sonhou com o Palácio do Planalto. Chegou a ser saudado pelo prefeito Eduardo Paes, do Rio de Janeiro, no encontro do PSD, no ano passado, como “o meu candidato à Presidência”. Já ali não disse sim nem não — e curtiu o momento. Os meses passaram e o senador continuava sem fazer gestos claros que o confirmasse pré-candidato à sucessão de Bolsonaro. Até que anunciou a desistência em discurso no plenário da Casa que preside.

O também senador Alessandro Vieira (PSDB-SE) viu sua popularidade ir às alturas na CPI da Covid. Eleito na corrente do bolsonarismo, em 2018, logo percebeu que embarcou na canoa errada — e rompeu com o presidente. Nas sessões da comissão parlamentar de inquérito, suas intervenções eram das mais aguardadas pela dureza com que se dirigia aos depoentes. Delegado da polícia civil em Sergipe — cujo governo, agora, pretende disputar, se destacou e não se furtou em entrar em confronto com a tropa de choque do Planalto. Mas logo viu que o sonho presidencial era só isso — sonho.

Acabou?

A pergunta que se faz é: Doria foi o último a desistir da corrida presidencial? Ciro Gomes (PDT) vai até o final? — ele diz que sim. Simone Tebet (MDB)

não será abandonada no caminho até as convenções partidárias, em agosto? E Luciano Bivar (União Brasil) conseguirá se fazer conhecido no país e galvanizar um projeto de centro-direita?

Para o professor de Ciência Política na IDP Rafael Cortez, as desistências vêm por causas do caminho estreito que é a corrida presidencial. “Esses nomes são menos uma avaliação de seus altos capitais políticos, e mais um projeto alternativo a Lula e a Bolsonaro. Boa parte da opinião pública enxerga a polarização como um déficit do sistema brasileiro”, observa.

Cortez lembra que as candidaturas de terceira via que se mantêm podem estar olhando para além de outubro. “É muito mais pensando no longo prazo do que propriamente em 2022. Esse raciocínio é válido para a senadora Tebet, que pode usar essa eleição para aumentar o capital político para uma próxima”, sugere Cortez.

Para a professora na Escola de Políticas Públicas e Governo da Fundação Getúlio Vargas (FGV) Graziella Testa, há três objetivos para a terceira via. “Primeiramente, o candidato pode, sim, ser eleito. Em segundo, pode usar a campanha para projetar o nome no nível estadual e no nacional para o futuro. Em terceiro, nosso presidencialismo de coalizão precisa que vários partidos apoiem o governo na formulação de políticas públicas. Por mais que o candidato não ganhe no primeiro turno, no segundo pode apoiar alguém e conseguir um bom cargo ou ter participação no governo”, observou.